

BOGNONI, Maria Aparecida Leite. Carlos Gomes - o "Tonico de Campinas" -
II. Diário do Povo, Campinas, |s.d.|

Carlos Gomes - o "Tonico de Campinas" - II

Maria Aparecida Leite Bognoni

No dia seguinte, Tonico, acordando tarde, sentiu-se outro homem. Já não parecia o provinciano que quase dois anos antes virava as pontas do lenço diante do imperador S. M. D. Pedro II. A crítica musical, com Henrique Cesar Muzzio à frente, aplaudira sem reserva ao "mancebo ousado", que sem incerteza e tentamen ganhou num dia à coroa artística, tão invejada, e que tantos gênios têm banhado com suores de sangue e de angústias. Era assim que o "Diário do Rio de Janeiro" o proclamava, e o "Jornal do Comércio" aplaudia a música, cuja originalidade era tão difícil de se conseguir nesses nossos tempos de imitação e plágio. "Durante meses seguidos, ora Salvador ia à casa de Antonio Carlos, ora o Tonico que ia em S. Domingos, a fim de terminarem a ópera "Joana de Flandres". D. José Amat, amigo de Tonico, já havia marcado até a data para a apresentação da segunda ópera do moço campineiro, que seria feita em dez de novembro. Assim foi efetivamente. A nata da sociedade fluminense estava no teatro nessa noite e Antonio Carlos não duvidava mais de si. A orquestra era regida por Nicolau Priol. Subiu o pano e a despeito das invejas levantadas contra Antonio Carlos, Joana de Flandres venceu. Vitoriado festivamente, as flores faziam esteiras no palco, onde, sorrindo, Antonio Carlos passava. — E foi em meio desses aplausos que Salvador Mendonça chamou-o para conhecer uma senhora. "É uma bela senhora", segredou-lhe ao ouvido um nome. Depois conversou-se. O imperador, deveras impressionado com o talento do jovem compositor, dissera-lhe para que se aprontasse para ir aperfeiçoar seus estudos na Europa, preferindo, no entanto, a Alemanha. A Alemanha? Interrompeu a imperatriz Maria Cristina, mas poderia ser na Itália... E a formosa Imperatriz ciosa e saudosa, das glórias da Itália que estava no auge da fama mundial, batera-se para que Antonio Carlos fosse para Milão.

"E, meu jovem compositor", dissera, ainda, D. Pedro, "Vosmecê vai ser promovido a oficial da Ordem da Rosa". Antonio Carlos Gomes ajoelhou-se, comovido, e agradecido beijou a mão do monarca. Era a vitória. Só assim, na Itália, talvez, se visse ele livre dos inimigos invejosos. O Marquês de Olindo conseguiu por edital a renda para a subvenção que seria tirada de parte do produto da loiteria — 1:800\$000 por ano. Seriam pagos de três em três meses, por intermédio de uma casa comercial em Milão, ou na cidade onde houvesse consulado brasileiro.

Carlos Gomes partiu para a Itália, em oito de dezembro de 1863, a bordo do "Paraná", um piquete inglês, e lá estavam seus amigos Azarias Botelho, Salvador Mendonça, José Amat, José Julio Nunes, e o seu inseparável Chico, que ficaria como seu secretário, e uma figura de mulher que o impressionara, agitando um lençinho bordado. Era d. Luiza Amat, a feiticeira e misteriosa mulher do camarote do teatro Lúrico! Já a bordo do Paraná, Carlos Gomes escreveu uma quadrilha com o título "Herdeira do Trono", que era tocada durante toda a viagem. De Pernambuco seguiu o "Paraná" para Lisboa. Ao chegar em Lisboa começou a sentir a mudança do clima. O frio não era dos melhores para quem saíra das chamas terríveis do calor tropical do Rio de Janeiro. Chegaram em Madri em 15/1/1864. Carlos Gomes ficou só em Milão, na primeira noite não conseguiu dormir com o frio; comprou dois

cobertores e foi para casa dizendo: "que frio e esta língua dos milaneses..." Certo dia Lauro Rossi, o ilustre diretor do Conservatório Musical de Milão, diz a Carlos Gomes: "O sr. não poderá ser matriculado no Conservatório por ser estrangeiro; mas Lauro desculpava-se, era do regulamento mas poderia admiti-lo como aludo de contra-ponto, fuga etc e dava-lhe o direito ainda de, no fim dos estudos, fazer um exame público e obter carta de maestro. O ar imponente de Carlos Gomes provocava admiração dos colegas que argumentavam: "Será mexicano? Ou filho do Indostão? Ou da Paragonia? Olha aquela cor de bronze fundido. Diz lá — É do Brasil. Brasil?". E Antonio Carlos era assediado pela multidão, quando seus olhos se encontraram com uma condiscípula e, vendo o sorriso encantador da companheira de aula, não pôde deixar de sorrir e, após ser apresentado, descobriu que a jovem que o atraía era Adelina Pery, de Bolonha, e ali estudava também canto e piano. — Certo dia, estando Carlos Gomes sentado em um café de Milão, tomando um "chartre" quando um vendedor de livros ofereceu-lhe várias obras, que por acaso aceitou; mas lendo no dorso de um volume deparou com o nome "Il Guarany". Hein? Como? Este é o Guarany de José de Alencar? Preciso extrair daqui um libreto, bradou ele. Oh! Se for possível. Quem poderá me auxiliar? Carlos Gomes voou atrás de Scabrini. Veja este romance da Libreto. Estou ansioso para escrever alguma coisa. À força de muito ler, muito cogitar e muito esforço poético o libretista milanês deu princípio ao trabalho do Guarany. Em 6 de julho de 1866, Antonio Carlos prestou exames no conservatório e naquela festiva data recebeu das mãos do mestre o seu diploma de "maestro compositore", um ano antes do tempo prescrito...

É "Il Guarany"? perguntava Scavini. Está difícil, parece que me falta a memória, mas enquanto isso estou com um libreto de uma revista deste ano "Amici Carlo", quer musicá-la? E, enfiando a mão no bolso do sobretudo, arrancou de lá e estendeu ao jovem campineiro a "Se Sa Minga", e após oito dias já estava terminada. Foi levada a cena no teatro Fossatti, conquistando enorme sucesso. Realizara para mais de 16 mil francos, em direitos do autor. Os salões italianos abriram-se às delicias harmoniosas da gentil "Se Sa Minga".

Depois do sucesso de Se Sa Minga, ambos pensaram novamente no Il Guarany; mas como encontrar uma primeira artista contrato para o papel da filha do cacique? Em princípios de 1867, animado com o sucesso da revista anterior, o mestre imaginava a confecção de outra do mesmo gênero. Meteu mãos à obra e em pouco tempo levou a cena "Nella Luna". O teatro Carcani apanhava enchentes contínuas e a revista atravessava a Itália toda! As canções "La Moda" e "La Bolleta", o coro dos Bambini Lattante e a mazurka e a valsa eram cantadas e ouvidas em toda parte. Em Campinas, os velhos amigos da volta do Taquaral exultavam com as consecutivas vitórias do antigo companheiro. Em 11 de fevereiro, Maneco Músico entregou a alma a Deus, dizendo: "Eu sabia que não o veria mais, meu pobre Tuniquinho, que Deus o abençoe". E, momentos após os sinos da igreja do Rosário, em Campinas, dobravam tristemente a finados pela morte de Manoel José Gomes, pai do já famoso Antonio Carlos Gomes.

(continua)

